



GRUPO DE TRABALHO 1 - POLÍTICAS DE PATRIMÔNIO NA PAN AMAZÔNIA

TURISMO E PATRIMÔNIO: AS VIAGENS DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS DE HELOISA ALBERTO TORRES NO MARAJÓ E OS POSSÍVEIS ELEMENTOS DO TURISMO EM SUA NARRATIVA

Diana Priscila Sá Alberto ¹
Agenor Sarraf Pacheco²

INTRODUÇÃO

A viagem de campo é um dos principais elementos de um pesquisador das áreas das Ciências Humanas, em destaque a Antropologia. No Turismo a viagem é o motivador principal desse fenômeno social, cultural e econômico. A investigação sobre as expedições científicas podem trazer reflexões importantes para a atividade turística. A História das Ciências e a participação de mulheres cientistas tem sido elementos importantes no estudo do fenômeno turístico. A antropóloga Heloisa Alberto Torres (1895-1977) foi a primeira mulher a ser aprovada em um concurso para professor (1925) e a dirigir (1955) o Museu Nacional do Rio de Janeiro – MNRJ, segundo Domingues (2010), Miglievich-Ribeiro (2015).

Os relatos de viagens têm tido grandes repercussões quando se usa esses dados como fontes ao pensar a composição de um contexto social e histórico de uma sociedade, dando destaque para a História das Ciências (MARCONDES, 2016; CONDÉ, 2017; ORESKES, 2019). Com relação à Amazônia, esses relatos têm sido fontes fundamentais em desvendar o que era e como era vista essa região, que há muito tempo (do século XVI ao XX) chama a atenção dos (das) viajantes, segundo McCormack (2017), Pratt (1999), Zimmerer (2006). Assim, os relatos de viagem podem possibilitar problematizações entre a História e o Turismo, como será exposto nesse resumo.

¹ Professora Adjunta da Faculdade de Turismo da UFPA, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Paisagens Híbridas ECA/UFRJ. E-mail: profadianaalberto@gmail.com

² Professor Doutor da Faculdade de História da UFPA, Professor do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia e Coordenador do Grupo de Pesquisa de Estudos Culturais da Amazônia – GECA, e-mail: sarrafagenor@gmail.com

O trabalho procura entender como as viagens científicas, por meio da História das Ciências, tem o auxílio da História trazendo as documentações e as fontes históricas, e por fim o Turismo como fenômeno social acarretaram possibilidades para a problematização deste artigo: como pensar o estudo das viagens científicas arqueológicas de Heloísa Alberto Torres no Marajó como elementos que podem integrar o estudo da História das Ciências, do Turismo e do Patrimônio?

A proposta desse artigo é apresentar como as viagens de Heloísa Alberto Torres podem apontar um possível diálogo com o fenômeno do Turismo. As fontes históricas que se tem para este trabalho subsidiaram discussões sobre as primeiras pesquisas arqueológicas feitas no Marajó na década de 1930, por Heloísa, e como nos seus relatos são encontrados elementos que abrem possibilidades de se rediscutir políticas públicas de patrimônio arqueológico na região. E como a História e a História das Ciências podem auxiliar na apresentação de fontes sobre essas viagens científicas e suas relações com a atividade turística.

Este trabalho provém de uma pesquisa em curso e justifica-se o artigo para auxiliar na análise, na construção e na produção da tese de doutoramento em andamento³. Esta trata da investigação sobre a história da participação de duas mulheres cientistas na edificação da História das Ciências na Amazônia e, que realizaram pesquisas na região no começo do século XX. A análise das fontes sobre Heloísa A. Torres tem demonstrado como essas viagens feitas podem ser novas perspectivas de estudo para o estudo do Patrimônio e do Turismo, tendo como base teórica as disciplinas da História e da História das Ciências.

Com relação aos procedimentos metodológicos estes têm como base a pesquisa bibliográfica pautadas na História, na História das Ciências e no Turismo. O campo de estudo são as fontes (PINSKY, 2008), em que surgem as narrativas e a apresentação de informações sobre a viagem de Heloísa Alberto Torres quando esta realizou sua primeira expedição de campo ao Marajó. Essa documentação contém artigos de jornais onde estão as reportagens e os textos que ela escreveu sobre a excursão científica. Além das pesquisas já realizadas pela Prof.^a Dr.^a Adélia Miglievich-Ribeiro (2015).

É evidente que as investigações acerca do estudo do Patrimônio evoluíram desde a década de 1930 quando Heloísa A. Torres fez sua primeira pesquisa de campo antropológica. É significativo destacar os estudos como os de Betty Meggers realizados anteriormente, mas publicados em 1950, em que ela e Clifford Evans escreveram: “*Uma interpretação das culturas*

³ Tese de doutoramento “*Emília Snethlage e Heloisa Alberto Torres: Gênero e Ciência na Amazônia do século XX*” que iniciou em 2018 está em andamento pelo PPHIST/IFCH/UFPA.

da Ilha de Marajó” (1954) onde estes antropólogos criaram uma primeira definição das fases das populações marajoaras. Depois de Denise Pahl Schaan a partir da década de 1990, em seu artigo “Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além – e apesar – das fases e tradições” (2007) sendo referência significativa sobre o tema e que continuaram a ampliar as análises acerca dessas populações sobre a produção cerâmica e as fases desses grupos sociais.

Também se tem o livro de Anna Linhares sobre a utilização dos artefatos marajoaras como símbolos de ressignificação da cultura amazônica do território do Marajó, no livro: “Um grego agora nu: índios marajoaras e identidade nacional brasileira” (2017) traz uma pesquisa importante dessa autora sobre os artefatos marajoaras e, identifica como essa perspectiva da cerâmica da região a tempo atrai pesquisadores. São a partir dessas análises que se tem aspectos acerca da diversidade arqueológica que possibilitaram hoje políticas de patrimônio na região do arquipélago marajoara. Ao avaliar essas leituras sugerem-se esses dados como fatores que motivaram as viagens de Heloísa A. Torres levando-a ao topo de sua carreira como antropóloga do Museu Nacional do RJ.

D. Heloísa, como ficou mais conhecida no MN foi uma mulher que preparou as bases para a antropologia brasileira. Seus trabalhos realizados em campo como no Marajó, por exemplo, foram importantes passos para a concretização da disciplina, e mais ainda para lançá-la como pesquisadora, e assim ganhar notoriedade nas redes científicas. Mesmo sendo uma única viagem, as fontes de jornais demonstram a importância dessa atividade. Os documentos revelam sua estada. Os jornais destacam a pesquisa e expõem artigos sobre as populações ameríndias.

A relação do Turismo com a história da antropóloga Heloísa A. Torres pode ser verificada quando esta, em algumas cartas fala sobre sua viagem, ao descrever o que ela encontrou em sua expedição. Que vai além do conhecimento científico da qual a motivara a ir ao Marajó. Mas, de certa maneira, a busca por algo incógnito científico. Segundo Trigo (2013) e Panosso Netto (2005) essa busca pelo desconhecido pode ser uma conexão com o íntimo do ser humano, ou seja, a busca por novas experiências. E de certa forma, influenciar outras pessoas, como fizeram elas ao tornarem-se mulheres da ciência.

Helóisa Alberto Torres publicou da sua viagem de campo, quando analisou a cerâmica no Marajó o livro “Arte Indígena da Amazônia”, em 1940. Esse livro foi uma das suas principais produções impressas. E esta obra delineou a pesquisa de campo que levou Heloísa Torres a adentrar de fato no campo da Antropologia. Depois desse trabalho suas atividades no Museu

Nacional alcançaram outros patamares, principalmente, o que dizem respeito a sua gestão. Além, de ganhar destaque a sua participação na equipe do Serviço do Patrimônio, Histórico, Artístico e Nacional, atual Instituto do Patrimônio, Histórico, Artístico e Nacional – IPHAN, ao lado de nomes como de Mário de Andrade. Porém, a historiografia deixou Heloísa de fora desses dividendos científicos.

Em cartas enviadas a sua família quando estava em pesquisa de campo, Heloísa descreve o espaço e entra em detalhes, como da hospedagem em que estava. Dos meios de transportes que ela utilizava para se locomover em campo, além da relação com a população local. Nesses itens são possíveis perceber que a escrita da História das Ciências na região amazônica, tendo como protagonista uma cientista, podem levantar hipóteses de que a investigação do fenômeno turístico pode ser realizada por essas fontes.

A História e a História das Ciências têm se mostrado novas possibilidades de abranger como os processos sociais, culturais, econômicos desenvolvem-se na sociedade. Os fatos históricos são importantes para determinar as experiências individuais e coletivas, em que pesem as expressões humanas, segundo Thompson (1998). E o Turismo como fenômeno social, cultural, e econômico tem em outras disciplinas bases para construir sua própria teoria e epistemologia. Pois, a viagem, nesse caso a científica, é o elo entre o ser humano e a Ciência. Na obra de Trigo (2013) nota-se a construção teórica sobre os deslocamentos humanos que surgem a partir do medo que está em torno da busca pelo desconhecido até chegar ao cotidiano das viagens de Turismo.

Como alguns resultados esse resumo expõe que a viagem de Heloísa Alberto Torres para conhecer a arqueologia marajoara não somente rendeu resultados científicos significativos naquele momento. Abriu a importância da participação feminina na construção do conhecimento científico no arquipélago marajoara. Tal acontecimento também evidencia como a História tem auxiliado no estudo acerca da região. Heloísa foi uma das primeiras mulheres brasileiras a realizar uma pesquisa arqueológica dessa envergadura, e ampliou o debate sobre a região. Mesmo que seu nome pouco surja nos estudos acerca do Patrimônio arqueológico na Amazônia. Ela teve papel fundamental nessa configuração do estudo do Patrimônio no Brasil, inclusive sua participação na criação do Serviço do Patrimônio, Histórico, Artístico e Nacional, atual Instituto do Patrimônio, Histórico, Artístico e Nacional – IPHAN fica nas sombras.

Com relação ao Turismo verificou-se que é urgente ampliar disciplinas que possam subsidiar teorias que auxiliem na investigação do fenômeno turístico. Tais disciplinas, de acordo com a tese em andamento podem ser a História, com suas fontes e métodos para garantir

o conhecimento amplo das experiências individuais e coletivas, como são as viagens. Com relação a História das Ciências, as viagens científicas estão intimamente ligadas a construção do conhecimento científico.

Palavras-chave: História. História das Ciências. Turismo. Heloísa Alberto Torres. Patrimônio.

Referências

CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão. “A ciência tem história”, *Um papel para a história: O problema da historicidade da ciência*. Curitiba: Ed. UFPR, 2017, p. 19-30.

DOMINGUES, Maria Heloisa Bertol. Heloisa Alberto Torres e o inquérito nacional sobre ciências naturais e antropológicas, 1946. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 5, n. 3, p. 625-643, 2010.

LINHARES, Anna M. A. *Um grego agora nu: índios marajoaras e identidade nacional brasileira*. Curitiba: Editora CRV, 2017.

MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de Filosofia e História das Ciências – A revolução científica*. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

MEGGERS, Betty J.; EVANS, Clifford. Uma interpretação das culturas da Ilha de Marajó. *Revista do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará*, n. 7, s.p., 1954.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adélia. *Heloisa Alberto Torres e Marina de Vasconcelos – pioneiras na formação das ciências sociais no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2015.

ORESKES, Naomi. “Why trust science? Perspectives from the History and Philosophy of Science”. In: *Why trust science?* Princeton/Oxford, Princeton University Press, 2019, p. 15-68.

PANOSSO NETTO, Alexandre. *Filosofia do Turismo – Teoria e epistemologia*. São Paulo: Aleph, 2005.

PINSKY, Carla B. (Org.). *Fontes históricas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SCHAAN, Denise P. Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além – e apesar – das fases e tradições. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 2, n. 1, p. 77-89, jan-abr. 2007.

THOMPSON, Edward. *Costumes em comum – estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TRIGO, Luiz G. Godoi. *A Viagem – caminho e experiência*. São Paulo: Aleph, 2013.